

Entrevista com Marcel Rodrigues, graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Salesiano- Unisal. Foi estagiário em pesquisa, bolsista FAPESP, no CEHR (Centro de Estudos em História Religiosa) da Universidade Católica Portuguesa em Lisboa, onde investigou sobre Simbologia maçônica e pôde percorrer diversos países europeus em busca de respostas aos mitos maçônicos. Estudante de Teologia pela escola Mater Ecclesiae (Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro). Membro efetivo da Associação Brasileira de Filosofia e Psicanálise (ABRAFP) e da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Possui extensão em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) e em Semântica e símbolos cristãos pelo Centro Universitário Claretiano. Pesquisador, categoria Iniciação Científica, com bolsa da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo- FAPESP. Já obteve, por dois anos consecutivos, bolsa de Iniciação Científica do CNPq. Realização de projetos para pesquisas em Simbologia e Religiões.



Contato: marcel_symbols@hotmail.com

1 - DV: O que é a maçonaria?

Marcel: Em minha opinião esta é uma das questões mais complexas. A complexidade advém do fato de que muitos autores, maçons ou não, definirem a Ordem de modo diferente. Vamos utilizar a resposta clássica, adotada pela maioria dos autores que apontam que a Maçonaria como uma fraternidade que, historicamente, é considerada uma das instituições mais antigas do mundo. Antes de definirmos a atual Maçonaria é preciso recuar um pouco na história. A origem precisa da Maçonaria não é conhecida, porém, a documentação existente remete aos antigos construtores de catedrais, da Idade Média, que formavam um forte grupo na sociedade da época. A primeira referência ao nome franco-maçom remonta a 856 d.C. Estes pedreiros eram requisitados em toda a Europa para erigirem igrejas, fortaleza e palácios. O título maçom equivalia-se aos pedreiros que trabalhavam nestas construções sob a supervisão de um mestre. É discutido que já nesta época essas corporações possuíam os segredos da arte de construção, que

somente eram revelados aos iniciados na citada arte, ou seja, era necessário ser um pedreiro, propriamente dito, para ser um maçom.

Passando um longo período histórico e com a conseqüente “queda” do estilo Gótico - estilo este em que os maçons trabalhavam, foi só em meados do século XVII que começaram as iniciações de sujeitos que não tinham como profissão a construção. Médicos, engenheiros, homens influentes da corte começavam a ser iniciados. Essa foi uma tomada inteligente dos antigos pedreiros após a “queda” do estilo Gótico, que desejavam preservar a Arte do sigilo e dos conhecimentos esotéricos que adquiriram durante toda a História. Lentamente a Maçonaria passava de operativa para especulativa, tal qual a temos hoje.

Atualmente, toda a simbologia empregada no ofício do maçom operativo está inserida no contexto da ritualística maçônica, que dela se utiliza para incutir em seus membros preceitos de ética, moral e de conduta para o aperfeiçoamento do maçom. Em termos psicológicos, podemos mencionar que toda a simbologia da Maçonaria Operativa, que tinha como objetivo lapidar a pedra bruta em pedra elaborada, ou fazer a mais bela escultura possível, passou a ser puramente simbólica na Maçonaria Especulativa, ou seja, o maçom atual deve ser aquele que lapida a sua própria pedra interior em busca de ser sempre um indivíduo melhor para com ele e para a sociedade.

É muito interessante este intercâmbio simbólico feito entre os operativos e especulativos, considero eu um dos momentos mais fascinantes da História, e muito importante para o homem que, antropológicamente falando, é constituído pelo universo dos símbolos arquetípicos, sobretudo os símbolos religiosos.

Espero que com esta pequena explanação histórica eu tenha conseguido “esmiuçar” um pouco do que seja a Maçonaria. Enfim, na atualidade, a Maçonaria se encontra espalhada pelo mundo, congregando milhares de homens que buscam através da fraternidade, do exercício da filantropia e de um complexo universo simbólico o aperfeiçoamento interior e exterior de seu caráter.

Outro ponto interessante que gostaria de apontar é que a Maçonaria é herdeira, juntamente com outras sociedades iniciáticas, de uma longa história tradicional do misticismo mundial. Ou seja, em suas práticas e rituais, encontramos simbolismos pertencentes a Alquimia, Astrologia, a Gnose, e Cabala, entre outros – o que eleva a Maçonaria como detentora de uma vasta tradição filosófica e espiritual que se perpetua há séculos na História.



Figura 1 - Enigmáticos sinais encontrados em diversos monumentos europeus. Neste caso, essas marcas estão na estrutura do Mosteiro dos Jerônimos em Lisboa, Portugal. Estes sinais, embora bem distintos um dos outros, são encontrados em centenas de monumentos na Europa e serviam de marcas dos antigos construtores (maçons operativos), para distinguir cada pedra lavrada pelos seus respectivos pedreiros. Estes sinais eram utilizados para facilitar a identificação e o devido pagamento dos pedreiros - sendo assim, cada trabalhador tinha o seu sinal. Historiadores acreditam que estes sinais sejam provas cabais da Maçonaria Operativa, como um grupo com tendências a iniciação e a arte do estudo de aspectos esotéricos, visto que muitos sinais possuem forma de símbolos zodiacais e místicos.



Figura 2 - Aqui vemos, claramente, um sinal similar ao Esquadro e ao Compasso símbolo principal da Maçonaria. Tal marca encontra-se nas bases do Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa e data, provavelmente, da época da construção do monumento.



Figura 3 - O interior do Mosteiro dos Jerônimos também inspira “mistérios”. A simbologia encontrada no local remete a diversas culturas e tradições, não necessariamente cristãs. Encontramos diversos símbolos alquímicos, astrológicos, anjos, demônios, enfim, uma série de símbolos “atípicos” à tradição do Cristianismo.

2 - DR: É uma sociedade secreta? Por quê?

Marcel: Não, a Maçonaria não é uma sociedade secreta. Isso é facilmente explicado pelo simples motivo de hoje conhecemos seus rituais, através de centenas de bons livros disponíveis ao público, conhecemos a localização das Lojas, a lista de afiliados, entre outras coisas.

Costuma-se dizer que a Maçonaria é uma sociedade discreta, visto que sua influência na sociedade, seus métodos de filantropia são, muitas vezes, mantidas longe dos olhos da mídia.

O que é secreto na Maçonaria concerne, principalmente, em seus métodos de reconhecimento, ou seja, as palavras secretas para passagem de um grau para o outro, os toques e apertos de mãos para reconhecimento de um maçom em qualquer parte do mundo.

Em alguns momentos da História, a Maçonaria necessitou ser secreta, para não dizer clandestina, como em países que sofreram com a ditadura e a opressão, vejamos exemplos como na Alemanha Nazista, na Espanha no período de Franco, no Brasil durante a ditadura militar. Essa necessidade se deu porque muitos maçons passaram a ser perseguidos pelos regimes que os consideravam como subversivos e contrários ao regime imposto.

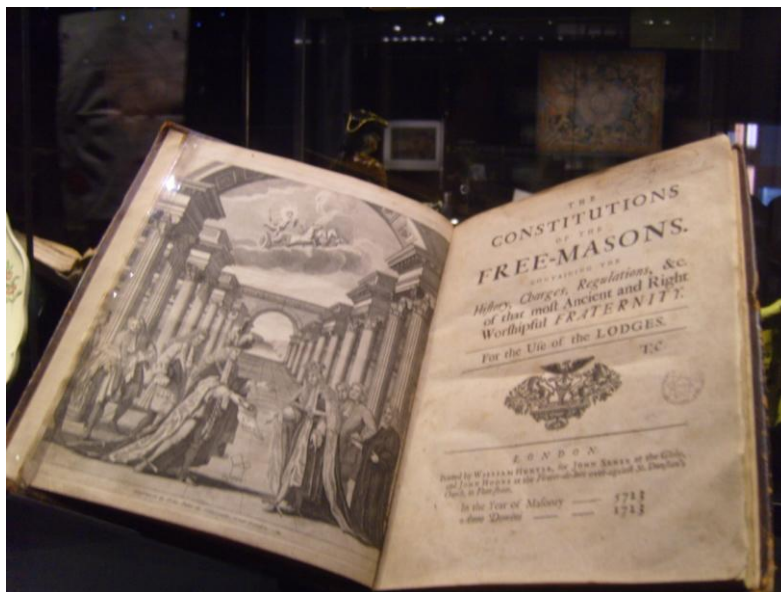


Figura 4 - Constituição de James Anderson, de 1723. Esta Constituição é o ponto alto do período em que a Maçonaria torna-se definitivamente Especulativa. Foto tirada no Museu do Grande Oriente da França, Paris.

3 - DR: Quem é admitido na Maçonaria?

Marcel: A Maçonaria, tradicionalmente falando, admite em seu meio homens livres e de bons costumes, que sejam maiores de idade (a partir dos 21 anos), que possuam capacidade intelectual para compreender os símbolos e ritos, que estejam dispostos a um longo processo de aperfeiçoamento interior e com disponibilidade para atuação na sociedade de modo a construir um mundo mais justo e fraterno, sob o lema de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”

4 – DR: O que pretende a Maçonaria?

Marcel: Esta é uma pergunta bastante curiosa e onde encontramos o catalisador para as histórias e mitos sobre dominação mundial, complôs e toda a teoria da conspiração que gira em torno da mesma. Como estudioso e não-maçom que sou, vejo a Maçonaria como uma Ordem que pretende o aperfeiçoamento interior do homem. Longe de qualquer teoria da conspiração, da qual sou totalmente cético, a Maçonaria se mostra como uma alternativa para reflexão e estudo sobre os mistérios do universo, desde a criação do homem até outros aspectos filosóficos e existenciais que sempre permearam a mente humana.

5 – DR: Qual a importância dela para a História brasileira?

Marcel: Esta sociedade esteve presente nos mais importantes acontecimentos históricos brasileiros. Os mais eminentes personagens históricos do Brasil foram maçons, como Dom Pedro I, José Bonifácio, Tiradentes, Marechal Deodoro da Fonseca, entre outros. A Independência do Brasil teve seus bastidores em Lojas maçônicas e, muitas vezes, a atual Maçonaria roga para si que a Independência brasileira só foi possível pela união maçônica que ocorreu na época. Podemos citar outros marcos importantes na História brasileira, em que a Maçonaria esteve presente como a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República, a Revolução Farroupilha. Qualquer marco significativo da

História brasileira, se bem estudado, poderá, com toda certeza, encontrar vestígios de influência maçônica.

6 – DR: O que fazem os maçons hoje?

Marcel: Os maçons, atualmente, estão em todas as classes sociais. É fácil encontrarmos maçons no nosso dia-a-dia. Eles são pessoas comuns, obviamente, que trabalham, têm suas famílias. Ao contrário de que muitos pensam nem todos os maçons têm altos cargos no governo, ou exercem influência sobre a sociedade ou mesmo sobre a vida dos profanos (termo usado para os que não são maçons). É claro que muitos maçons possuem influência social, o que dá credibilidade para muitos acreditarem que seja uma sociedade para homens influentes e de alta posição na sociedade, entretanto, trata-se de um erro. Existem diversos maçons que não possuem nenhum vínculo com a política ou que pertençam a alta sociedade, caso contrário, a Maçonaria não estaria cumprindo com a sua obrigação de ser uma sociedade aberta aos homens desejosos de aperfeiçoamento intelectual e de seu caráter.

Um maçom é como qualquer outro indivíduo que segue uma filosofia, ou religião. Acreditamos que um maçom, assim como qualquer outro cidadão, esteja em busca pela “lapidação e polimento de sua pedra interna”, ou seja, de sua alma, de seu caráter, de seus meios de conduta. O maçom deve procurar o seu aperfeiçoamento intelectual e seu bom desenvolvimento como cidadão preocupado com a pátria e com os mais necessitados.

Nesta questão podemos levantar a famosa crença de que os maçons possuem a chave para o enriquecimento, ou pactos satânicos que conspiram contra a sociedade. Este é um erro crasso, proveniente de longos acontecimentos históricos que forneceram à Maçonaria este falso status de seita satânica. A Maçonaria nada tem de satânico em seus ritos, símbolos ou crenças, como também é ilusória a afirmação de que os mesmos possuem uma “varinha mágica” fornecedora de poderes incríveis e sobrenaturais; tudo isso é uma grande falácia.

A Maçonaria procura aperfeiçoar o homem, mas não é uma sociedade de homens perfeitos. Muitos maçons elevam a Maçonaria a um certo grau que, na minha opinião, caem na ingenuidade, ao considerarem a Ordem como justa e perfeita; tal seria se não houvesse a intervenção humana. Como estudioso, e crente na imperfeição do homem, jamais rogaria que qualquer sociedade, ordem, filosofia ou religião fosse digna de total perfeição e excluía de qualquer crítica.



Figura 5 - A Free Mason Hall, localizada no coração de Londres. Foi aqui que, historicamente, as quatro lojas londrinas se reuniram e formaram a Grande Loja de Londres, em 1717.

7 – DR: Por que as mulheres são tratadas de forma diferente na Maçonaria?

Marcel: A presente questão deve ser respondida com base na tradição. Historicamente, como mencionamos da primeira questão, a Maçonaria surgiu com do trabalho em pedra, nas construções dos palácios e catedrais medievais. Ora tal ofício era exclusivo para homens que trabalhavam braçalmente na construção destes monumentos.

A passagem da Maçonaria operativa para a filosófica, nos séculos XVII e XVIII, procurou iniciar homens da alta sociedade e da política (talvez uma estratégia para os livrarem das possíveis perseguições políticas e religiosas), procurando manter a tradição dos canteiros medievais, estabeleceu-se que a Maçonaria seria destinada somente ao público masculino. Outro fator histórico foi a Revolução Industrial, que praticamente se “chocou” com o surgimento da Maçonaria. Sabemos sobre as condições desumanas de trabalho nos primórdios de tal Revolução. Ou seja, alguns historiadores defendem a criação da Maçonaria, como um grupo filosófico, com influência política, para defenderem os direitos do povo e reivindicarem melhores condições de trabalho. Os historiadores adeptos desta teoria, geralmente, desconsideram os antecedentes operativos da Ordem, e argumentam que a mesma foi uma criação da aristocracia masculina do século XVIII.

Independentemente da teoria sobre o surgimento da Ordem, ambas argumentam sobre a exclusão da mulher nos meios maçônicos. Por um lado temos o argumento da

histórica dos pedreiros medievais e, do outro, há o argumento da aristocracia política do século XVIII que, é claro, era exclusivamente masculina.

Acredito que a questão das mulheres na Maçonaria, seja tão redundante quanto a questão posicional das mulheres no sacerdócio Católico. Observemos que ambas estão arraigadas às suas antigas tradições. Porém, como ocorreu no campo da religião - com a Reforma Protestante, que abriu o caminho para o sacerdócio feminino - o mesmo aconteceu na história maçônica.

No final do século XVII e início do XVIII a Maçonaria francesa toma um viés oposto à Maçonaria inglesa estabelecida sobre os antigos *landmarks*, a sua nova legislação “reformada” têm dois pontos significativos, e que rompem com as diretrizes da Maçonaria tradicional, de origem inglesa. O primeiro ponto é a não exigência da crença, do postulante a maçom, em um Ser Supremo, ou seja, crença em Deus. O segundo ponto é a admissão de mulheres nas lojas maçônicas; sendo assim, mulheres podem ser iniciadas na Maçonaria francesa, igualando-se aos homens.

É claro que esta resolução francesa criou sérias divergências entre as potências maçônicas; entretanto, esses novos ideais maçônicos cultivados na França espalharam-se por todo o mundo, sobretudo nos países da América.

Embora no Brasil as mulheres estejam excluídas das fileiras da Maçonaria, as mesmas encontram aceitação nas Lojas, conhecidas como “Lojas de Adoção”. Essas Lojas, ou Ordens, foram criadas para uma maior interação da Maçonaria com a sociedade. Existem as chamadas paramaçônicas, que constituem Ordens vinculadas às potências maçônicas. Estas Ordens, estritamente coordenadas pelos corpos maçônicos, têm em suas fileiras mulheres e adolescentes. Exemplos destas Ordens são a Estrela do Oriente, as Filhas de Jó, a Ordem DeMolay dentre outras. Cada uma dessas Ordens se reúne em templos maçônicos e portam de uma ritualística esotérica.

Com estas duas “situações” como as lojas dissidentes de origem francesa, mais as paramaçônicas - ou Lojas de Adoção - podemos citar que o papel da mulher em torno da vida maçônica muito tem ganhado destaque e espaço.



Figura 6 - O quadro é uma pintura que representa uma Loja mista, típica das tradições francesas. É possível ver uma Loja composta de homens e mulheres. A foto foi tirada no Museu do Grande Oriente da França, em Paris.

8 – DR: Fala-se muito nos mistérios envolvendo a Maçonaria? É procedente?

Marcel: Sim, sem dúvidas. A Maçonaria sempre despertou a curiosidade do mundo pelo seu caráter de mistérios e segredos envolvidos. Isso sem dúvida advém também de uma tradição histórica que remonta aos construtores medievais, ou seja, a Maçonaria Operativa.

O caráter de mistérios muitas vezes está na própria “constituição física” da Maçonaria, ou seja, a reunião a portas fechadas de homens vestidos formalmente e adornados por misteriosos símbolos já são o suficiente para aguçar a mente dos que não estão familiarizados com essas características.

O termo “iniciação” e “não iniciados” também são suficientes para elevar a Maçonaria a uma áurea de mistério, pois se não sou iniciado então não possuo o conhecimento que um iniciado possui, e que conhecimentos são esses? Essa questão permeia o inconsciente humano. Interessante fazer aqui uma nota antropológica sobre os ritos de iniciação. Antropólogos como Campbell e Frazer, após estudarem diversos costumes religiosos de diversos povos, desde a mais remota antiguidade, chegaram à conclusão de que a cerimônia iniciática é característica da cultura humana. A todo o momento estamos passando por cerimônias de iniciação, exemplos clássicos estão no nosso cotidiano, como uma colação de grau de uma formatura escolar/universitária até na vida religiosa dos sujeitos, como a iniciação ao Cristianismo através do batismo.

Fica evidente, após um minucioso estudo, que aquilo que aparece como diferente ou misterioso - como uma iniciação maçônica - é, na realidade, uma característica inata da cultura do homem. O próprio ato de se iniciar em um ambiente que forneça um caráter religioso/filosófico abarca uma áurea de mistério e evoca algo de oculto.

Talvez essa explicação seja um pouco difícil para o leitor leigo, entretanto, é necessária para explorar que o mistério é inerente à Maçonaria, sim, com seus símbolos, ritos e iniciações, mas que não é indiferente ao homem, pois a sociedade está sempre

envolvida com mistérios; ou será que um católico sabe responder com convicção sobre a aura de mistério que ocorre durante a transubstanciação na Eucaristia?

O ser humano é atraído pelo mistério, pelo secreto, e isso a Maçonaria, com sua aura mítico-misteriosa cumpre com grande êxito.



Figura 7 - A grande parte dos “mistérios” da Maçonaria jaz em sua própria História. A Capela Rosslyn, nos arredores de Edimburgo, Escócia, é um exemplo para estes “mistérios”. Muitos estudiosos têm se debruçado sobre os símbolos da Capela, numa tentativa de achar significados para a grande diversidade de símbolos esculpidos em seu interior e exterior. Diversos debates foram levantados sobre as origens e significados da Capela. Historiadores têm remontado suas origens aos maçons operativos, aos Cavaleiros Templários entre diversas outras teses, porém, não há unanimidade entre nenhuma delas. Muitos símbolos da Capela recebem nome de símbolos maçônicos para tornar sua história mais intrigante.

9 – DR: Por que estudar Maçonaria?

Marcel: Esta questão é bastante pertinente e sem dúvidas mostrará porque decidi estudar o assunto.

Quando comecei a estudar História das religiões, deparei-me com um mundo de símbolos, de mitos e do imaginário coletivo. O crescente interesse que surgiu por simbologia, sobretudo a religiosa, levou-me para um universo um pouco “diferente” do universo das religiões tradicionais, ou seja, entrei no universo do misticismo do esoterismo propriamente dito. Confesso que tinha minhas reservas quanto ao estudo do esoterismo, pois estava imbuído de uma convicção racionalista que descartava o mundo esotérico como um universo à parte da História da humanidade, suplantado pela revolução científica e tecnológica. Tal convicção deveria mudar se desejasse estudar a sério a Maçonaria.

Nos estudos sobre religiões comparadas jamais poderia passar “por cima” da Maçonaria, como simples clube filosófico adornado por símbolos esotéricos, principalmente quando analisamos o seu fundamento histórico e sua incrível participação em significativos marcos históricos que mudaram o curso da humanidade. Então, decidi despir-me de meus preconceitos e estudar a mítica História maçônica, desde seus acontecimentos históricos, provados por documentações, até suas raízes mais

“esdrúxulas”, em que autores desejam provar que a Maçonaria provém desde os tempos de Adão e Eva.

A História maçônica levou-me ao envolvimento misterioso de seus rituais, de seus símbolos e enigmas e, é claro, seu suposto envolvimento com práticas satânicas. Toda essa “enxurrada” de informações foi sendo assimilada aos poucos e percebi o quão profundamente os rituais e símbolos maçônicos estão arraigados em misticismos que são postulados há milênios pela História da humanidade e se repetem em praticamente todas as religiões do mundo. Acreditei assim que a Maçonaria, vista com um olhar mais “científico”, nada tem de anormal ou satânico, mas sim que “compete” com outras filosofias e religiões na tentativa de explicar e explorar o enigma da vida através da fantástica linguagem simbólica.

Para mim, a importância de estudar cientificamente a Maçonaria despojado de qualquer crença *a priori* que resulte em postulados religiosos ou dogmáticos, leva-nos a resultados mais sérios e confiáveis para o mundo acadêmico que, a meu ver, carece de estudos sérios nesta área. Sem contar que o estudo da História e da doutrina maçônica nos transporta para diversas culturas e religiões da humanidade, o que faz com que passemos a valorizar e a conhecer os aspectos da História do pensamento religioso da humanidade como um todo, que caminha, desde todo o sempre, em busca de respostas para a agonia da existência humana.



Figura 8 - A Coluna do Aprendiz, disposta dentro da Capela Rosslyn, na Escócia, é um “prato” repleto de simbologia e mito maçônico. Reza o mito que, durante a construção da Capela, o mestre dos pedreiros necessitou fazer uma viagem a Roma, deixando em seu lugar um de seus aprendizes. Quando o mestre retorna de viagem, encontra esta coluna belamente esculpida pelo aprendiz. Por ciúmes e inveja, o mestre mata o aprendiz. Tal possível acontecimento é muito similar a alguns pontos da Maçonaria, como os seus três primeiros graus, Aprendiz, Companheiro e Mestre, e a mítica história do assassinato do mestre construtor Hiram Abiff no Templo de Jerusalém.

10 – DR: Por que estudar a Simbologia de modo geral?

Marcel: A Simbologia, sobretudo a religiosa, é uma minúscula parte perante a vastidão de religiões, culturas, tradições e rituais encontrados nas mais diversas partes do mundo. Assim como vários autores definem que um símbolo nunca quer dizer exatamente o que ele apresenta, mas sim um outro, isso quer dizer que quando nos deparamos com um símbolo devemos fazer uma espécie de “escavação arqueológica” até encontrar a chave correta que desvende os reais significados do mesmo. Essa “escavação arqueológica” não poderia ser feita arbitrariamente, muito pelo contrário, é um processo que envolve o conhecimento, ao menos elementar, de História, Psicologia, Antropologia, entre outras disciplinas.

O estudo de um símbolo, propriamente dito, não se sustenta em olhar para o ícone e dizer, por exemplo, que se trata de uma simples cruz. O símbolo nos faz um convite para mergulharmos na vastidão de seu passado, que nos revelará a sua utilização em diversos aspectos e cenários culturais.

A compreensão e interpretação simbólica além de compreender diversas ciências, como a História e a Antropologia, por exemplo, também está subentendida com a História da Arte. Com efeito, os maiores pintores da História se apoiaram em símbolos para expressar as mais belas expressões do imaginário humano.

Por fim, concluo que o estudo da Simbologia expande os horizontes do estudioso. O estudante se deparará com um universo que, como dissemos, abrange tanto o estudo dos símbolos das maiores religiões mundiais, passando pela História da Arte que está interligada a História das religiões, passando pela compreensão das disposições dos símbolos ritualísticos da magia cerimonial dos movimentos neo-pagãos. Todo este conteúdo que abarca o estudo da simbólica, se seriamente estudado, deve levar o estudioso a se desprender de qualquer preconceito e, como no meu caso, assumir uma posição agnóstica, principalmente quando se trata dos símbolos religiosos; ou seja, jamais apontar que um símbolo é melhor ou mais “eficiente” que outro, ou que certas tradições são arbitrarias. É procurar assumir uma posição neutra e científica; só assim poderemos “captar” o que cada símbolo tem a nos revelar sobre seu extenso passado.



Figura 9 - A obra de arte denominada Melencolia, do famoso pintor Albrecht Dürer (1471-1528) é um exemplo clássico de como símbolos místicos se envolvem com a obra de arte. Já que nossa discussão girou em torno de símbolos místicos, este quadro vem a ser um dos melhores exemplos para ilustrar a confluência entre símbolos e arte. O período em que Dürer viveu foi de exploração de antigos conceitos místicos que, com certeza, influenciaram este pintor a realizar este simbólico quadro. A título de uma pequena interpretação, podemos observar alguns símbolos pertinentes à Maçonaria, como a pedra elaborada, a escada e o compasso, dentre outros.

11 – DR: Suas pesquisas estão dentro da Psicologia. Como estudar Simbologia e Psicologia ao mesmo tempo?

Marcel: Sim, minhas pesquisas estão dentro da área da Psicologia, também. Digo também porque o estudo da Simbologia abarca várias áreas do conhecimento, desde a Antropologia à Arte dos grandes mestres da pintura.

Iniciar o estudo dos símbolos dentro da Psicologia não é uma tarefa fácil; entretanto, o universo Psicanalítico de Freud e a Psicologia Profunda de Jung fornecem ferramentas para um estudo sistemático das origens dos símbolos e das crenças. A descoberta do inconsciente, mérito de Freud, abriu as portas para o estudo da mente humana, não somente para o estudo de seu desenvolvimento psíquico e do modelo dinâmico do psiquismo e suas doenças, muito pelo contrário, é mérito da Psicanálise levar a Psicologia para outras áreas do saber humano. A Psicanálise “infiltrou” suas raízes na Antropologia, na análise da arte e na análise da maneira de pensar e do agir humano. Para mim, essa é a maior contribuição da Psicanálise e da Psicologia Profunda; ambas

postulam a existência do inconsciente. Ambas abordagens integraram outras ciências no ramo da Psicologia, como a já citada integração entre Psicologia e Antropologia.

Uma destas ciências é o estudo, pelo viés analítico, da própria História das crenças, se assim podemos dizer. Estudar religião e simbolismo pelo viés da Psicanálise e da Psicologia Profunda foi amaneira encontrada por mim para entender a linguagem dos símbolos.

É claro, existem divergências entre as obras de Freud e Jung. Porém, cada um tem o seu estilo clássico de interpretação do fenômeno religioso, mas essas teorias não são excludentes para o estudo dos símbolos. Freud postulou sobre o inconsciente individual, sobre sonhos, que resumidamente são reminiscências de desejos reprimidos e que, de certa forma, carregados de simbolismo, estão inseridos na sociedade através da arte, dos símbolos religiosos e das crenças, entre outras manifestações.

Freud forneceu bases antropológicas para o estudo das religiões; por exemplo, através do sistema totêmico. Apesar de ser um ateu declarado, Freud nunca negou a contribuição que a religião forneceu à humanidade.

Jung, por sua vez, forneceu uma das possibilidades para decifrar a linguagem simbólica através da teoria do inconsciente coletivo. Freud nunca postulou sobre o inconsciente coletivo; entretanto, intitulou os “resíduos arcaicos” da psique, que conotaria em certas tradições e costumes como a perpetuação de símbolos religiosos.

É perceptível a quantidade de material disponível no campo da Psicologia para o estudo da Simbologia e, de um modo mais abrangente, das religiões. Jung, no meu ponto de vista, foi o que mais forneceu subsídios para o estudo do simbolismo religioso. Atualmente, com o envolvimento do estudo sobre Maçonaria, a inclusão da Psicologia, como ciência, tem se desdobrado junto com os fatores históricos. Para compreender o processo de formação e a necessidade de fraternidades detentoras de um segredo inviolável, de símbolos místicos e de rituais de iniciação, é necessário, além do estudo histórico, uma compreensão através da Psicologia das tradições baseado, sobretudo, nos estudos de Joseph Campbell e Mircea Eliade, por exemplo, que juntos fornecem inestimável material para o entendimento do mundo do simbólico e do imaginário.

Fontes de leitura e consulta:

BUTLER, Alan; RITCHIE, John. **Roslyn Revealed: A Library in Stone.** United Kingdom: O Books, 2006.

CAMPBELL, Joseph. **As Máscaras de Deus: Mitologia Primitiva.** São Paulo: Palas Athena, 2010.

ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideias Religiosas I: da Idade da Pedra aos Mistérios de Elêusis.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FRAZER, James. **O Ramo de Ouro.** São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e Outros Trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e Outros Trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HOYOS, Arturo; MORRIS, Brent. **Is it True What They Say About Freemasonry?** New York: Evans Edition, 2004.

JUNG, Carl. **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Todas as imagens são de autoria do entrevistado, exceto a imagem do quadro de Dürer retirado do site: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Melencolia_I_\(Durero\).jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Melencolia_I_(Durero).jpg)